TRILHOS DO LOBO

Percurso Pedestre

Lobo-ibérico (*Canis lupus signatus*)

O **lobo-ibérico** é a subespécie do lobo-cinzento (*Canis lupus)* que habita a Península Ibérica e cuja área de ocorrência se encontra, actualmente, circunscrita às regiões do Centro -Norte e Norte.

É um canídeo selvagem, de grande porte, que apresenta uma cauda espessa, orelhas curtas (rígidas e triangulares) e pelagem do dorso castanho amarelado, mesclado de negro. Apesar de pouco especializado em termos de habitat, devido à perseguição de que é alvo, prefere zonas montanhosas, vivendo nas cumeadas das serras, em alcateias hierarquizadas de 3 a 8 indivíduos. Alimenta-se de corços, veados e javalis mas, face à reduzida disponibilidade actual de presas selvagens, baseia a sua dieta em equinos, bovinos, caprinos e ovinos domésticos. Atinge a maturidade sexual aos 2-3 anos e a gestação da fêmea, de aproximadamente 2 meses, termina em Maio com o nascimento de 3 -6 crias.

A longevidade potencial é de 15 anos, embora possa ser mais reduzida devido à perseguição ilegal que lhe é movida.

Embora seja uma espécie em **vias de extinção** e protegida por lei em Portugal, apresenta uma população estável com cerca de 7 alcateias, na região do Barroso. É possível detectar **vestígios da sua presença** através de pegadas grandes, com contorno ovalado e uma almofada central triangular, e quatro dedos alongados providos de garras. O rasto das pegadas encontra-se em linha, uma vez que as patas são colocadas no mesmo plano, quando o lobo se movimenta. Os dejectos são, normalmente, depositados sobre tufos de vegetação.

O lobo, em muitas regiões do mundo, está a ser levado à extinção e, noutras, já se encontra extinto. Para além da perseguição de que é alvo, motivada por questões económicas e culturais, a degradação do habitat e o abandono da pastorícia tradicional e dos sistemas tradicionais de protecção de gado (como seja a utilização do cão de gado transmontano) são aspectos que constituem ameaças a esta espécie.

Descrição do Percurso

As serras do Barroso são ainda um dos poucos locais onde o lobo sobrevive em Portugal, juntamente com uma ancestral relação cultural e mítica do lobo com as populações rurais. É este mundo, entre o real e o imaginário, já difícil ou impossível de encontrar em qualquer outro local da distribuição mundial do lobo, que este percurso pretende descobrir.

Este é um percurso de pequena rota (PR), com cerca de 9 Km de extensão, de forma linear e nível de dificuldade médio.

Inicia-se na aldeia de Pitões das Júnias (a cerca de 1120 m de altitude) e termina na aldeia de Parada (a cerca de 800 m), ambas inseridas no Parque Nacional da Peneda-Gerês.

O percurso permite-nos conhecer um caminho medieval de ligação entre as duas aldeias e atravessar paisagens de beleza única proporcionadas pela extensa mancha de carvalhal e pelos picos agrestes da serra do Gerês a contrastar com o espelho de água da albufeira de Paradela.

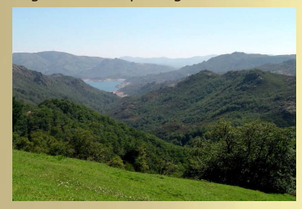
Passa por diversos pontos de interesse, entre os quais os núcleos rurais das duas aldeias, o Mosteiro de Sta. Maria da Júnias, a Cascata de Pitões, o Carvalhal de Beredo e perto das Silhas dos Ursos. Já na Portela da Fairra, encontramos o Fojo do Lobo, uma estrutura que testemunha que este era e continua a ser um local de passagem de lobos, que atesta a carga cultural e mítica negativa destes animais e o facto destes sempre terem sido considerados como inimigos pelos habitantes locais.

Ao longo do percurso é possível observar indícios da presença de lobos (rastos, dejectos e esgravatados), uma vez que nesta área habita uma alcateia. Para além deste animal é ainda possível observar vestígios de javalis, corços e esquilos.

Fojo do Lobo

O Fojo é uma construção rural destinada à captura do lobo. Trata-se de uma armadilha secular de elevado valor patrimonial e cuja utilização a nível mundial se restringe praticamente ao Noroeste da Península Ibérica. Montalegre é um dos concelhos onde existe maior quantidade e diversidade deste tipo de construção, que poderão datar do século XV/XVI. Estas construções são um exemplo das manifestações culturais associadas à fauna, que marcam o nosso património e a paisagem. Contudo, encontram-se votados ao abandono e esquecimento, devido ao uso generalizado de armas e venenos na captura de lobos, ao número reduzido da espécie e ao roubo das pedras para outras construções.

Existem três tipos de fojos: o de Cabrita, o de Paredes Convergentes e o Simples. Estas armadilhas localizavam -se em locais agrestes e de passagem de alcateias.



O **Fojo de Parada,** a observar no decorrer deste percurso, enquadra-se na tipologia denominada *Fojo de Cabrita.* É um recinto circular fechado, feito em pedra irregular, com cápias no topo. Este tipo de armadilhas era edificado em regiões com grandes rebanhos de pequenos ruminantes (ovinos e caprinos). No seu interior existe um grande rochedo, onde era colocado um animal (cabras e ovelhas, normalmente velhas ou doentes), que servia para atrair o lobo. Com o balir da cabra, o lobo era atraído para o interior do fojo, que devido à sua construção, facilitava a entrada e impedia a sua saída. Uma vez lá dentro, era dado o alarme e toda a população, munida de paus, pedras e, mais recentemente com armas de fogo, acudia para presenciar a sua morte. Depois de capturado, o lobo era levado para a aldeia e exibido como troféu. No fojo de Parada, foi capturado o último lobo em 1920, não sendo utilizado desde então.

Escala Aproximada
1: 25000

O mito do Lobo

As sociedades primitivas veneravam o lobo, mas tudo isto foi alterado na Idade Média. O lobo e o homem fazi-am grandes caçadas de animais herbívoros, sendo considerados caçadores sociais e comunitários, organizados hierarquicamente em grupos. No entanto, o Homem tornou-se defensor das suas propriedades e dos seus caminhos. Cada vez mais intolerante, passou à domesticação dos animais e o mito do *lobo mau* começou, tal como ainda é reflectido em muitas histórias infantis e em lendas do Lobisomem e da Fada do lobo.

***Lobagueira* e a Gola do Lobo**

Há séculos atrás, a única carne conservada pela forma tradicional e que garantia o sustento das populações rurais era a de porco. Com isto, pôr em causa a sobrevivência deste animal doméstico era como pôr em causa a sobrevivência da população.

No Barroso existe a crença de uma doença fatal para os suínos, a *lobagueira*, provocada pelo *mau ar do lobo* ou pelas suas excreções. O contágio dos suínos acontecia devido ao mato utilizado, como cama nas suas cortes, se encontrar "contaminado" com dejectos ou urina de lobos ou devido ao contacto dos porcos com gado atacado pelo predador.

Como forma de prevenção da *lobagueira*, os habitantes das aldeias do Concelho de Montalegre rezavam *"vai-te lobagueira daqui, vai o sal e cinza sagrados atrás de ti"* enquanto lançavam sal e cinzas em cruz sobre o mato a ser colocado na corte ou sobre os animais feridos pelo lobo.

Quando não era possível evitar a contaminação dos porcos, a sua cura era efectuada por um troço da traqueia, *gola do lobo*, por onde as pessoas passavam água para, posteriormente, dar a beber aos suínos doentes.

Nas regiões rurais, como o Barroso, o lobo tornou-se não só no animal selvagem que ataca os animais domésticos, mas também num ser com uma carga cultural e mítica negativa inigualável. Contudo, o lobo não é um perigo para o Homem, não existindo qualquer registo confirmado de ataques de lobo a seres humanos. Um testemunho desta realidade é o facto de pessoas barrosãs, que se dedicavam ao contrabando, percorrerem a serra sozinhas e, durante a noite, sem terem sido atacadas. O medo está relacionado com o facto dos lobos seguirem as pessoas de perto, mas isto deve-se à sua curiosidade. É também necessário referir a existência de *mitos modernos* associados ao lobo, ou seja, a ideia generalizada, mas completamente errada da parte das populações rurais, de que existem soltas massivas e deliberadas de lobos, por parte do Estado ou de grupos ecologistas.

Legenda

- Núcleo Rural
- Silha dos Ursos
- Arvoredo
- Moinho
- Ponte
- Carvalhal Denso
- Mosteiro de Sta. Maria das Júnias
- Rapinas
- Fonte
- Percurso Pedestre
- Fojo do Lobo
- Avifauna de Bosque
- Linha de Água
- Marco Geodésico
- Gado
- Estrada Asfaltada
- Caminho

Ficha Técnica

Local de Partida: Pitões das Júnias
Local de Chegada: Parada
Âmbito: Natural / Cultural
Tipo de Percurso: Linear, de Pequena Rota, por caminhos tradicionais
Extensão Aproximada: 9 Km
Duração Aproximada: 3 horas
Nível de Dificuldade: Médio
Desníveis: Pouco Acentuados
Época Aconselhada: Primavera, Verão e Outono
Altitude Máxima:1121m
Altitude Mínima: 760m

Pontos de Interesse

Aldeia de Pitões das Júnias: É uma aldeia incrustada no limite da serra do Gerês com o planalto da Mourela, onde as casas se encostam umas às outras formando pequenas ruelas, que desembocam no centro da aldeia. A sua situação geográfica, o clima agreste e a consequente emigração contribuíram para existência da sua pequena população com modos de vida tradicionais, fortemente ligados à agricultura de montanha e à pastorícia.
São inúmeros os vestígios de épocas remotas deixados ao longo de milénios. A comprovar isto está o Mosteiro de Sta. Maria das Júnias, a casa sagrada da aldeia e que lhe deu o nome.
Mosteiro de Santa Maria das Júnias: Mosteiro Cistercence, datado do século XII, actualmente em ruínas e situado num vale remoto;
Cascata de Pitões: A maior e uma das mais belas cascatas do concelho, formada pela ribeira de Campesinho.
Fojo do Lobo de Parada: Armadilha secular de caça ao lobo. Representa uma manifestação cultural no património cultural e na paisagem. É de tipologia de Cabrita.
Silhas dos Ursos: Construções em pedra destinadas a proteger as colmeias face às investidas dos ursos, espécie extinta nesta região há mais de 100 anos.
Aldeia de Parada: Situa-se nas margens da albufeira de Paradela e nas faldas do Gerês e da Mourela. Usufrui de um clima ameno e a sua localização permite um cenário paisagístico com contrastes de cores de rara beleza, proporcionado pela albufeira e pela Serra do Gerês. Esta é uma aldeia onde as eiras em granito, os canastros decorados assentes em grandes lajes e as casas de construção tradicional nos remetem para a vida agrícola comunitária.

Ética e Conduta

- Siga somente pelos trilhos sinalizados;
- Escolha sempre um percurso em função da duração, distância e dificuldade que o caracterizam;
- Evite fazer ruídos, para não assustar os animais;
- Não abandone o lixo;
- Não faça fogo;
- Respeite a propriedade privada;
- Cuide do seu conforto. Utilize vestuário e calçado adequado;
- Verificar a hora do dia, para ver se o percurso se pode realizar sempre com a luz do dia;
- No período estival é preferível realizar o percurso da parte da manhã, aproveitando o período de maior frescura;
- Leve alimentos para fazer uma refeição leve.

Contactos Úteis

Câmara Municipal de Montalegre	276510200
Ecomuseu de Barroso	276518645
Posto de Turismo	276511010
GNR de Montalegre	276512257
Bombeiros Voluntários de Montalegre	276512301
Hospital de Montalegre	276510160
Delegação do PNPG em Montalegre	276512281

Alojamento

Casa-Abrigo	258452450
Pitões das Júnias	258452250
Casa do Preto	276566158
Pitões das Júnias	
Casa da Travessa (TER)	276566121
Paredes do Rio	
Estalagem Vista Bela	276560120
Outeiro	
Casa do Avô do Gerês (TER)	276566232
Outeiro	966953183
Moradias Turísticas de 2ª Classe (TER)	276566165
Sirvozelo	

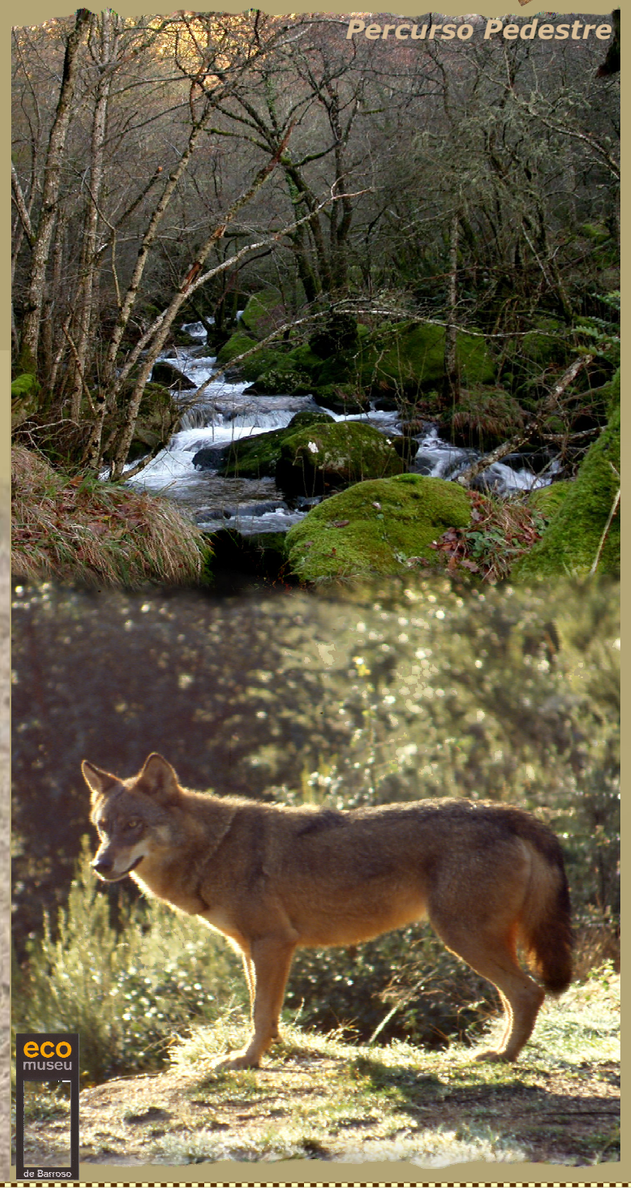
Restaurantes

D. Pedro Pitões	276566288
Pitões das Júnias	
Casa do Preto	276566158
Pitões das Júnias	
Rocha	276566147
Paredes do Rio	

Emergência:
SOS - 112
SOS Floresta - 117

TRILHOS DO LOBO

Percurso Pedestre



PATRIMÓNIO BIOLÓGICO

Os vales e montanhas, observados ao longo do percurso, contribuem para a existência de uma grande diversidade de fauna e flora.
Na zona predominam os bosques e as pastagens permanentes como os matos - de giesta, carqueja e tojo - e os lameiros. No vale do Beredo, situa-se um extenso carvalhal dominado pelo carvalho-negral, e marcado pela presença de carvalho-roble, freixo, salgueiro, bétula, azevinho, aveleira e abrunheiro-bravo. Por entre esta vegetação, encontra-se o lírio-do-Gerês, espécie endémica da serra do Gerês.

Em relação à fauna, referem-se exemplos cujo valor ecológico é muito peculiar. O corço, o javali e a, recentemente introduzida, cabra-brava, constituem as principais presas selvagens do lobo, enquanto a víbora-de-Seoane e o lagarto-de-água, são endemismos ibéricos. Pode, ainda, salientar-se a existência de espécies mais comuns como o licranço, a rã-ibérica, o esquilo, o bufo-real e o tartaranhão-caçador (ave de rapina).

PATRIMÓNIO GEOLÓGICO

Um aspecto interessante, a salientar no percurso, é a existência de uma "mancha" de granito de Parada (de grão médio, de duas micas, essencialmente, moscovítico e sintectónico) no granito *nodular* e migamtitos associados, de Tourém e Castro Laboreiro (granito de duas micas com migmatitos, sintectónico; os nódulos, são de silimanite e biotite). Todo este complexo geológico contacta, a Oeste, com o granito do Gerês (porfiróide ou de tendência porfiróide, de grão grosseiro a médio, biotítico, pós-tectónico e de idade mais recente).
Poder-se-á também constatar a existência de blocos graníticos muito fracturados, com aspecto de disjunção em laje. Junto ao mosteiro, existe uma laje de granito; prosseguindo, observam-se filões (de pequeno tamanho) de quartzo e, em menor quantidade, de pegmatito. Salientamos ainda a cascata de Pitões, uma queda de água que tem origem num desnível brusco do Ribeiro de Campesinho. A montante desta, existem diferentes estruturas resultantes da erosão provocada pela corrente como as rochas polidas, as marmitas de gigante ou turbilhonares (depressões arredondadas com seixos e areias no fundo) e os lagos.

Trabalho de Campo - Helena Carrito, José Acácio, Liliana Gonçalo e Francisco Álvares (Grupo Lobo / CIBIO-UP)
Fotografias - Helena Carrito, Liliana Gonçalo e Francisco Álvares (lobos)
Textos - Helena Carrito, Liliana Gonçalo e Francisco Álvares
Coordenação: David Teixeira
Concepção Gráfica - Helena Carrito